

**Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)**

**Filosofia  
Política,  
Educação,  
Direito e  
Sociedade 4**

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e  
Sociedade 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-097-1

DOI 10.22533/at.ed.971190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.  
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INFLUÊNCIA DE PARADIGMA NA RELAÇÃO ENTRE ESTILOS E ENSINO DE APRENDIZAGEM NA GESTÃO DO CONHECIMENTO	
Carla Cristina Sousa dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9711904021	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
MODELO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA EM MATO GROSSO DURANTE O PERÍODO DE 1930 A 1950	
Silvana Maria da Silva	
Jeferson Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9711904022	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
A ESCOLA RECONHECENDO SEU PODER COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	
Géssica Dal Pont	
DOI 10.22533/at.ed.9711904023	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>25</b>
A CULTURA VISUAL ESCOLAR E A FORMAÇÃO DA CRIANÇA	
Luiz Carlos Cerquinho de Brito	
Valdejane Tavares Kawada	
DOI 10.22533/at.ed.9711904024	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>38</b>
A ACEITAÇÃO PRÓPRIA DA CRIANÇA SURDA ATRAVÉS DA LITERATURA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE EM FREUD	
Bianca Barros Viana	
DOI 10.22533/at.ed.9711904025	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
LAS DISCIPLINAS 'PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS' Y SUS CONTRIBUCIONES A LA FORMACIÓN INICIAL DE PROFESORES DE QUÍMICA EN BRASIL: UN ESTUDIO DE CASO	
Elber Ricardo Alves dos Santos	
Lenalda Dias dos Santos	
Maria Clara Pinto Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9711904026	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
PROFESSOR ARTICULADOR: UMA PROPOSTA DE TRABALHO NA ESCOLA SESI-RS	
Sônia Elizabeth Bier	
Danielle Schio Rockenbach	
Luiza Seffrin Zorzo	
Joice Welter Ramos	
Marta Moraes Bitencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9711904027	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>70</b>
LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE: USO DO “INTERNETÊS” ONLINE LANGUAGE AND TECHNOLOGY: USE OF THE INTERNETÊS	
Eloiza da Silva Gomes de Oliveira Caio Abitbol Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9711904028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>78</b>
LUDICIDADE E O BRINCAR: UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Nayara Paloma Vieira Galdino Thays Evelin da Silva Brito Kátia Farias Antero	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9711904029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>82</b>
LUGAR DE ALUNO É NA COZINHA: UMA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Janaína Moreira Pacheco de Souza Fabrício Nelson Lacerda Carolina Barreiros de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>93</b>
“MALA DA LEITURA”: A LEITURA EM MOVIMENTO	
Mariângela Gomes de Assis Elisângela Justino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>100</b>
MEMÓRIAS DO GRUPO ESCOLAR EUGÊNIO JARDIM: O QUE NOS REVELA SEU “TERMO DE VISITA”?	
Márcia Campos Moraes Guimarães Maria Aparecida Alves Silva Kênia Guimarães Furquim Camargo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>114</b>
MÉTODO DA COMPOSTEIRA ( <i>BIN METHOD</i> ) PARA COMPOSTAGEM DE CARCAÇAS DE ANIMAIS EM CATALÃO	
Marcelo Victor Mesquita Pires Ed Carlo Rosa Paiva Priscila Afonso Rodrigues de Sousa Jupyracyara Jandyra de Carvalho Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>129</b>
MODELO ESCOLAR DE EDUCAÇÃO PÚBLICA PRIMÁRIA EM MATO GROSSO DURANTE O PERÍODO DE 1930 A 1950	
Silvana Maria da Silva Jeferson Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040214</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>137</b>
NOMADISMO DIGITAL: AUTONOMIA E MOBILIDADE NA EDUCAÇÃO	
Rozevania Valadares de Meneses César Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>149</b>
A MONITORIA NO ENSINO SUPERIOR – AÇÃO E REFLEXÃO DO FAZER DOCENTE	
Faraídes Maria Sisconeto de Freitas Fabiana Helena Silva Valeska Guimarães Rezende da Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>157</b>
A FORMULAÇÃO DE PROBLEMAS NA APRENDIZAGEM DA PROBABILIDADE CONDICIONADA	
Carla Maria Lopes da Silva Afonso dos Santos Cristina Paula da Silva Dias Maria José Pinto da Silva Varadinov Joaquim Manuel Baltazar Vaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>165</b>
A GESTÃO DEMOCRÁTICA DA ESCOLA PÚBLICA EM DEBATE: AS PROPOSIÇÕES OFICIAIS E A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA	
Leila Procópio do Nascimento Valeska Nahas Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>184</b>
O CURSO DE HOSPEDAGEM DAS EEEPs DO CEARÁ E A CONTRIBUIÇÃO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS EM SEU PROCESSO FORMATIVO	
Maria Lucimar Vieira Ângela Onofre Lima Francisco José Assunção da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>196</b>
O CURSO NORMAL DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE PROFESSORES DA ASSOCIAÇÃO INSTRUTIVA JOSÉ BONIFÁCIO DE SANTOS- AIJB	
Lúcia Tavares Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>211</b>
A AVALIAÇÃO DA ORALIDADE EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO	
Flávia Barbosa de Santana Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.97119040221</b>	



**CAPÍTULO 22 ..... 222**

A AVALIAÇÃO OBJETIVA DOS CONHECIMENTOS DE MATEMÁTICA À ENTRADA DO ENSINO SUPERIOR DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS: CONSTRUÇÃO E RESULTADOS DE UM TESTE ESTANDARDIZADO DE CONHECIMENTOS - PMAT

Maria Helena Morgado Monteiro  
Maria João Rosado de Sousa Afonso  
Fernanda Marília Daniel Pires

**DOI 10.22533/at.ed.97119040222**

**CAPÍTULO 23 ..... 230**

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE MENINOS E MENINAS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL POR MEIO DOS ATOS DE LEITURA TRIANGULADA: EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS

Natalia Ribeiro Ferreira  
Marise Marçalina de Castro Silva Rosa

**DOI 10.22533/at.ed.97119040223**

**CAPÍTULO 24 ..... 243**

O ENTENDIMENTO NO ESPAÇO ESCOLAR SOBRE O CONCEITO DA HOMOSSEXUALIDADE

Joseanne Aparecida Maramaldo Levi

**DOI 10.22533/at.ed.97119040224**

**CAPÍTULO 25 ..... 249**

EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERCEPÇÃO DE GESTORES DE ESCOLAS PÚBLICAS

Filipe Celestino Girão Nobre  
Juliana Campos da Silva  
Francisca Bertilia Chaves Costa  
July Grassiely de Oliveira Branco  
Ana Maria Fontenelle Catrib

**DOI 10.22533/at.ed.97119040225**

**CAPÍTULO 26 ..... 260**

REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Francine Mendes dos Santos  
Itana Nogueira Nunes

**DOI 10.22533/at.ed.97119040226**

**CAPÍTULO 27 ..... 266**

REDES SOCIAIS E COMPORTAMENTO POLÍTICO VIOLENTO: UMA SÍNTESE DAS AMEAÇAS AOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL

Jonas Modesto de Abreu  
Danielle Pereira de Melo

**DOI 10.22533/at.ed.97119040227**

**CAPÍTULO 28 ..... 278**

RIZOMA E EDUCAÇÃO: GILES DELEUZE E FÉLIX GUATARI, CONTRIBUIÇÕES JUNTO A EDUCAÇÃO

Beatriz Ferrari Westrup  
Jocilene Fernandes Cruz  
Sibele Guedin Custódio

**DOI 10.22533/at.ed.97119040228**

**CAPÍTULO 29 ..... 282**

TRABALHO E SER SOCIAL: TRANSFORMAÇÕES E CONSTITUIÇÃO DAS CLASSES NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Alexandra Queiroga Cavalcante Bezerra

Ana Candida Chagas Alencar

Carmem Maria Vieira de Amorim

Francisco Rivelino Oliveira Nascimento

Geicy Caroline Duarte Caldas

**DOI 10.22533/at.ed.97119040229**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 293**

## A ACEITAÇÃO PRÓPRIA DA CRIANÇA SURDA ATRAVÉS DA LITERATURA EM LIBRAS: UMA ANÁLISE EM FREUD

**Bianca Barros Viana**

Universidade Federal da Paraíba, Faculdade de Letras Vernáculas  
João Pessoa – Paraíba

**RESUMO:** Essa pesquisa tem como objetivo entender a aceitação própria da criança surda através da literatura infantil em LIBRAS, observando as propostas de Freud na psicanálise, focando no mecanismo de defesa introjeção. Dessa maneira, para realizar a discussão sobre esse tema, através dessa pesquisa bibliográfica, foram usados autores como Strobel (2008), Wrigley (1996), Daniel Lagache (1956), Rosemary Shakespeare (1977), Elliot Aronson et al. (2002), Michael Gazzaniga, J. C. Arfouilloux (1970) et al. (2005), entre outros. Foi observado que as crianças surdas que utilizam os mecanismos de defesa introjeção, por falta de representatividade na sociedade, podem aceitar-se como sujeito surdo, e não mais como ouvinte, através da inserção de livro que tem como objetivo principal a surdez.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança surda; Literatura infantil; Psicanálise; Representatividade.

**ABSTRACT:** This research has the goal to understand the self-acceptance of the deaf children considering the childlike literature

on Brazilian sign language (LIBRAS), seeing Freud's proposal for the psychoanalysis, focusing on the introjection defense mechanism. This way, to create the discussion about this subject, through this bibliographic research, were used authors like Strobel (2008), Wrigley (1996), Daniel Lagache (1956), Rosemary Shakespeare (1977), Elliot Aronson et al. (2002), Michael Gazzaniga, J. C. Arfouilloux (1970) et al. (2005), and many others. It was noticed that the deaf children that use the introjection defense mechanism for lack of representativeness in society, can accept himself as a deaf person, and no longer as a listener, through the insertion of books which has the main subject the deafness.

**KEYWORDS:** Deaf children, Literature, Psychoanalysis, Representativeness.

### 1 | O SUJEITO SURDO NA HISTÓRIA

Os indivíduos surdos não possuem um prestígio social equipado as pessoas que podem ouvir, contendo como causa principal os fatores históricos. Aqueles que não ouviam sempre foram colocados à margem da sociedade.

Historicamente, podemos observar que na Grécia antiga a língua era um artifício muito valorizado pela população, já que, para os mesmos, a linguagem era uma expressão do pensamento. E, como os surdos eram

discriminados por não poderem ouvir, os mesmos não eram ensinados e não poderiam aprender, colocando-os como cidadãos que não poderiam adquirir o conhecimento. Logo, as pessoas que não podiam ouvir na sociedade grega, também não poderiam falar, pois os mesmos não tinham acesso ao conhecimento como os indivíduos que poderiam ouvir.

Dessa forma, os surdos não chegavam ao conhecimento – levando em consideração os postulados do filósofo Platão, no processo do conhecimento, no III diálogo de *A república*, nas alegorias da linha e da caverna. Isto é, os surdos não iriam sair de dentro da caverna e obter a luz do conhecimento, visto que, isso só ocorre após o educador transmitir o conhecimento para o educando. Ou seja, isso só ocorre no momento em que haja a passagem do mundo das ideias para o mundo inteligível – local onde se encontra o conhecimento e a verdade. O sujeito surdo, por sua vez, não poderia passar a obter o conhecimento, então o mesmo vivia sempre no mundo visível, sem o saber verdadeiro de todas as coisas.

Com isso, podemos notar uma série de discriminações realizadas e que perduram até os dias atuais por causa dessa visão do discurso difundido na Grécia antiga, não apenas com os indivíduos surdos, como é evidente com o preconceito linguístico. Entretanto, focaremos na discriminação da surdez.

Essa perspectiva trouxe também a visão do surdo que necessariamente não pode falar, os popularmente denominados de “surdos-mudos”. Porém, sabe-se que essa afirmação é falsa. O que ocorria, na realidade, era o conhecimento que não chegava a esses indivíduos, e que, como na Grécia antiga a fala era exaltada, pois quem dominava bem a fala iria dominar também a escrita, os surdos passaram a serem discriminados pela audição e incitados a não falarem, causando mais uma segregação entre esse grupo, além de perdurar esses ideais até os dias atuais.

Outros fatores históricos, que interferem na aceitação do indivíduo surdo e da aceitação do surdo na sociedade, são com a Roma. Foi nessa civilização que os surdos tiveram seus direitos civis retirados, deixando, assim, de serem cidadãos. No qual, muitos surdos, por não possuírem importância na sociedade, foram mortos, já que os mesmos não iriam ter relevância para sua família e para a sociedade.

Seguidamente, entra a Idade Média. Foi nesse período da história que a igreja católica possuía o cargo chefe do poder da população da época e seus mandamentos e dogmas eram seguidos por toda a sociedade.

É neste período histórico que se passa a ter condolência dos indivíduos surdos, já que a retirada da vida de uma pessoa – segundo os dogmas cristãos localizado na *Bíblia*, não é permitida. Condolência essa que transformou os indivíduos, que não podem ouvir ou que não possuem uma audição completa, em deficientes que necessitam ser olhados pela sociedade com pena por terem nascidos com a falta da audição. É nesse período que nasce o olhar para o sujeito surdo com compaixão, o sentimento de que os mesmos são incapazes, ou que os mesmos não podem exercer a mesma função que uma pessoa que pode ouvir. Ou seja, essa visão se foi repassada

e é comum ver essas convicções postas frequentemente na nossa sociedade, apesar de se ter passado cinco séculos (contando com o fim da Idade Média).

Por fim, houve na década de 1880 um congresso denominado de Congresso Internacional de Educadores de Surdos que “[...] o uso de língua de sinais foi definitivamente banido a favor da metodologia oralista nas escolas de surdos.” (STROBEL, 2008, p. 25). Isto é, até mesmo nas escolas que eram voltadas para os surdos, foi retirada a língua que estes utilizavam para se comunicar para priorizar a linguagem oral. Mais uma vez a cultura dos indivíduos que não podem ouvir ou não podem ouvir completamente é retirada.

Ou seja, se é visto que essa discriminação para com o surdo é causada por fatores históricos, no qual perduram até os dias atuais e que necessitam de uma grande luta para que os mesmos sejam quebrados. E, para que isso ocorra, necessita-se do incentivo e a amostra pela família das crianças que não podem ouvir ou que não escutam totalmente, de que as mesmas são comuns e que possuem tanta capacidade quanto qualquer outro indivíduo que possua uma audição completa.

## **2 | OBJETIVOS E METODOLOGIA DA PESQUISA**

Os objetivos dessa pesquisa é conseguir observar como a literatura em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pode contribuir para a aceitação própria da criança surda, que está posta em uma sociedade que desde os primórdios mostra que o indivíduo surdo é ser deficiente, que necessita ser observado com condolência e que não servem para a sociedade – através de uma análise freudiana sobre o mecanismo de defesa Introjeção.

Após a observação dessa problemática se deu início a essa pesquisa bibliográfica básica. Em que, a mesma foi executada com base na psicanálise, realizada por Sigmund Freud – em especial no mecanismo de defesa do Ego, a Introjeção. Sendo observado como a literatura infantil em LIBRAS pode contribuir para a aceitação própria da criança surda. Na discussão sobre o tema foi-se utilizado teóricos como: Daniel Lagache (1956), Luiz Roza (1997), Rosemary Shakespeare (1977), Elliot Aronson et al. (2002) – psicólogo, Michael Gazzaniga, J. C. Arfouilloux (1970) et al. (2005), entre outros.

Dessa forma, para chegar ao objetivo da pesquisa bibliográfica, o critério realizado consistiu em: primeiramente ser abordado os fatores históricos que causam a não aceitação do sujeito surdo pela sociedade; em seguida foi discutido como esses indivíduos podem aceitar a sua cultura e como a sociedade, em especial a família, pode interferir nessa aceitação e no empoderamento dos mesmos, desde a infância; posteriormente foi falado sobre a psicanálise e o mecanismo de defesa do ego, dando enfoque ao mecanismo denominado de Introjeção; por fim, discutiu-se o objetivo do trabalho, mostrando, assim, como a criança surda pode aceitar-se como tal, sendo trabalhado esse mecanismo de defesa, a Introjeção, através da literatura infantil em

### 3 | O PODER DA CULTURA OUVINTISTA

Os indivíduos surdos possuem uma cultura a qual é dominada de cultura surda. Porém, por causa da política ouvintista, que permeia esses indivíduos, os mesmos não se aceitam dentro dessa cultura. Com isso,

“Quando o sujeito surdo não se aceita na cultura surda, ele se percebe como parte da cultura hegemônica. [...] e com isso pode acontecer conflitos ou dificuldades de aceitação de sua identidade surda” (STROBEL, 2008, p. 80).

Ou seja, o sujeito surdo, por estar em volta de uma cultura que é dominante, sente que faz parte dessa, gerando consequências para que esses indivíduos que, se identificam em outra cultura, a cultura ouvinte, aceitem sua própria identidade, a cultura surda.

Como não há a identificação direta e constante dos indivíduos surdos para com sua cultura, cultura essa que além de ser vista pela sociedade como uma deficiência é vista também como uma vergonha aceitar-se como tal – ocasionando a não aceitação dessa cultura pelas pessoas que não podem ouvir ou que não escutam totalmente, os mesmos não se sentem representados pela mesma. E, isso ocorre, como afirma Owen Wrigley (1996, p. 35), por causa do universalismo que o humano acredita existir. Em que, a sociedade entende que todos compartilham de uma essência comum. Ou seja, nesse caso, todos deveriam possuir uma cultura semelhante, que é a cultura de quem pode ouvir.

### 4 | BREVE INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE

A psicanálise terá início na última década do século XIX com o psicólogo Sigmund Freud, no qual houve diversos fatores que colaboraram para que o surgimento da mesma ocorresse.

A medicina psicológica, entre as décadas de 1880 e 1890, foi caracterizada pelos seguintes estudos: o interesse pelos psicólogos pela neurose, em particular pela histeria – caso que começou a ser estudado com a paciente Anna O., com o doutor Joseph Breuer, logo após Freud adentra também no tratamento da mesma; em seguida os psicólogos começaram a utilizar a hipnose como meio de investigação; e, por fim, houve a “Descoberta da ação patogênica das recordações inconscientes de acontecimentos traumáticos” (LAGACHE, 1956, P. 9), isto é passou-se do estudo hipnótico para o estudo dos acontecimentos que causavam traumas, e que se encontravam no inconsciente humano, denominando, assim, de psicanálise.

## 4.1 Níveis de consciência da personalidade

A psicanálise, como mencionado anteriormente, estuda o inconsciente humano, especificamente a personalidade, e é também uma das únicas áreas da psicologia que foca o seu objeto de estudo na mesma.

Freud, o pai da psicanálise, delimitou o sistema psíquico humano demonstrando que o mesmo “estava dividido em três zonas diferentes de percepção do consciente” (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005, P.472) – demonstrado no modelo topográfico da mente. Estavam divididos em: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. No nível da consciência os indivíduos estão conscientes dos seus pensamentos; na pré-consciência é um processo psíquico oculto, mas o mesmo está sempre disponível já que a pré-consciência pode reproduzir facilmente a consciência, pois é nele que estão disponíveis as lembranças, as palavras e o conhecimento, por exemplo; já o inconsciente também será tratado por Freud como um processo oculto, contudo, diferentemente do nível da pré-consciência, o inconsciente não é acessível, pois é no inconsciente que a mente não é capaz de recuperar com facilidade os materiais que nela se encontram.

É na mente inconsciente humana que se encontram os desejos e é nela também que se encontram os motivos que se relacionam com os conflitos que o ser humano sente, como, por exemplo, a ansiedade ou o sofrimento, causando assim a não acessibilidade da mesma para que não haja a angústia.

Saliento que Freud esclarecia que em alguns casos poderia haver a passagem do material inconsciente para a consciência, revelando, dessa forma, o motivo que estava oculto na inconsciência humana.

Outro ponto, que Freud afirmava é que a maioria dos comportamentos humanos eram conduzidos pelo inconsciente. Isto é, as nossas condutas são guiadas, em grande parte, pelo inconsciente, já que o inconsciente humano é muito maior em relação à consciência. Podemos observar essa afirmação na figura 1 abaixo:



Figura 1: O modelo topográfico da mente: relação entre as três zonas de percepção do consciente, mostrando que o comportamento humano é influenciado na maioria das vezes pelo inconsciente humano.

## 4.2 A formação da personalidade

A segunda teoria sobre o aparelho psíquico, posta por Sigmund Freud, é formulada no ano de 1923. No qual, “Consiste na distinção de três sistemas ou instâncias da personalidade” (LAGACHE, 1956, p.38). Esses três dispositivos são: o Id, o Ego e o Superego. No qual, Freud quis mostrar que há três estruturas que podem variar nos diferentes níveis de consciência, expondo, dessa maneira, como a mente humana é organizada.

O termo Id surgiu com Friedrich Nietzsche e George Groddeck, que, ao utilizarem essa expressão, quiseram demonstrar o que existe no inconsciente que domina o ser humano. Em que, o Id é o nível mais básico – dentre as três estruturas, e a mesma está completamente concentrada no inconsciente humano. Logo, o Id se irá “[...] operar de acordo com o princípio de prazer, agindo sobre os impulsos e desejos.” (GAZZANIGA; HEATHERTON, 2005, p. 473).

O Id funciona através do princípio de prazer, conhecido também como princípios de prazer-desprazer, em que o mesmo é uma consequência do princípio de constância – princípio que cogita ao mesmo tempo sobre os processos de descarga que conduzem à satisfação e os processos de defesa em combate as ameaças e as tensões excessivas – e é no princípio de prazer-desprazer que irá gerenciar os processos inconscientes.

As forças que impulsionam o Id são o sexo e a agressão. Devendo salientar o que Lagache irá falar sobre esse o princípio:

[...] tal estado de coisas é quase realizado por toda criança, na idade em que beneficia dos cuidados maternos: ela ilude o desprazer, devido ao aumento de estímulo e ao intervalo de satisfação pela descarga motora [...] e alucina a satisfação desejada. (1956, P. 22)

Isto é, o id das crianças, por meio dos princípios de constância e de prazer, pode disfarçar as situações que não são prazerosas para que consiga chegar à satisfação que deseja.

Pode-se observar que essa situação não está distante das crianças que não podem ouvir, pois ao se observar que não são aceitas socialmente, as mesmas criam um bloqueio de forma inconsciente das situações indesejáveis.

O Superego, por sua vez, agirá como um freio para o Id. O Superego é desenvolvido na fase fálica e é nele onde se encontram a moral e a consciência humana. Em que, como cita Gazzaniga e Heatherton (2005), é nele que há uma internacionalização dos padrões da condução social e parental. Ou seja, o Superego funciona como o dispositivo que irá controlar o Id – os impulsos e desejos, tornando-os racionais.

Por fim, há o último dispositivo denominado de Ego. O Ego é o mediatário entre o Id e o Superego, cuja função é a de realizar os impulsos e desejos do Id, porém se é utilizando a racionalização para efetuar tais funções, isto é, utiliza-se o Superego, uma vez que o Superego está interligado com a conduta social e parentesco dos indivíduos.

Saliento que pode haver conflitos entre o Id e o Superego, causados pelo Ego, que



geram a ansiedade. Além disso, esses conflitos, entre o consciente e o inconsciente, podem gerar os mecanismos de defesa.

Os mecanismos de defesa são estratégias da mente que ocorrem inconscientemente, de maneira que os mesmos são criados pela mente para que o indivíduo não sofra angústias, fazendo com que o indivíduo se proteja do sofrimento que pode ocorrer por causa de determinadas aflições. Precisa-se ser frisado que existem diversos mecanismos de defesa, porém, nessa pesquisa, será abordado apenas o mecanismo de defesa denominado de Introjecção.

### 4.3 A criança surda e o mecanismo de defesa introjecção

Como foi mencionado anteriormente, os mecanismos de defesa são uma tática da mente que ocorrem inconscientemente para que haja uma proteção do corpo para não sofrer. E a Introjecção faz parte de um dos mecanismos de defesa do inconsciente humano.

A introjecção é o mecanismo que está ligado diretamente à identificação, no qual é essencial para a criança. Na Introjecção o indivíduo

“[...] visa resolver alguma dificuldade emocional [...] ao tomar para a própria personalidade certas características de outras pessoas. É o mecanismo onde o objeto externo se torna efetivo internamente” (SILVA, 2010, p. 4).

Isto é, através do reconhecimento do outro, a Introjecção tem como função no inconsciente humano de adequar-se características que são exteriores e que são prazerosas para sua vida. Enquanto as características que não parecem ser prazerosas ao indivíduo, elas não são aderidas à personalidade do mesmo. Ou seja, a introjecção possui uma forte importância para a formação da personalidade do indivíduo que é criança.

Podemos encontrar mais esse mecanismo de defesa em crianças surdas. Visto que, as mesmas estão comumente sendo reprimidas socialmente por causa da sua condição auditiva, pois, existe uma política ouvintista (WRIGLEY, 1996) que faz com que os indivíduos, que não podem ouvir, fiquem à margem da sociedade. Além disso, há também uma não aceitação do sujeito surdo pela família, como demonstra Rosemary Shakespeare (1977), que é raro o caso dos pais que desejam que seus filhos tenham alguma deficiência (levando em consideração a palavra deficiência como diferente da maioria dos indivíduos, visto que o sujeito surdo não deve ser olhado como deficiente, pois essa visão iniciou-se no Congresso de Milão, como foi mencionado anteriormente).

Como a Introjecção é importante na infância para a formação da personalidade do indivíduo, podemos observar que as crianças surdas, por serem marginalizados, sofrendo constantemente discriminações – seja ela por meio do olhar diferente que receberá, pelo cochicho realizado ao ver a criança falando por meio da língua de sinais ou até mesmo na escola, onde só ele não pode ouvir – criam o mecanismo de defesa do Ego, a Introjecção, para que ela possua uma característica que é aceita pela sociedade, ou melhor, que possa tornar-se “menos deficiente” e mais normal. Ou

seja, as mesmas começam a oralizar-se, isolam-se, ou até mesmo não chegam a ter o contato com a língua de sinais durante toda a sua vida. Com isso, se é causada a perda da aceitação própria do surdo sobre a sua cultura, que é a cultura surda.

## 5 | A LITERATURA INFANTIL SURDA E SUA RELEVÂNCIA

As literaturas infantis surdas, como os indivíduos surdos, não são valorizadas e são, em sua maioria, não reconhecidas pela sociedade. Podemos identificar dois fatores pelo qual a mesma não possui uma magnitude como as literaturas infantis com personagens não-surdos.

Primeiramente isso irá ocorrer por causa da discriminação por parte das comunidades ouvintes sobre o indivíduo surdo. E, em segundo plano, são os fatores históricos que irão interferir, eles são: o de acreditar que o sujeito surdo não pode chegar ao conhecimento, pois, como eles são vistos como deficientes, os mesmos devem ser tratados como tal, ou seja, sem necessitar evoluir intelectualmente; prontamente, entra o fator da cultura ouvintista ser muito mais forte que a cultura surda, fazendo com que seja predominado apenas literaturas em que os personagens não possuam nenhuma diferença dos padrões postos pela sociedade. Pois, o “diferente é tido como anormal”. Por consequência disso, as literaturas infantis direcionada principalmente para os indivíduos surdos não são valorizadas pela sociedade.

Porém, é necessário dar o enfoque de que esse tipo de literatura é de fundamental importância para a formação das crianças que são surdas ou que possuem uma deficiência auditiva. Pois, o processo de identificação, como foi mostrado anteriormente, nessa fase da vida é imprescindível. Ou seja,

Quando a criança começa a ouvir histórias e a ver televisão, escuta e assiste a descrições e relatos de atividades infantis que ela talvez nunca venha a experimentar; por conseguinte, terá muito mais dificuldade em identificar-se com as personagens, pois será incapaz de imaginar-se fazendo o que elas fazem. (SHAKESPEARE, 1977, P. 25).

Com isso, podemos observar a importância desse tipo de literatura para a criança que não pode ouvir. Pois, como a psicóloga Rosemary Shakespeare (1977) mostra, a identificação advém do reconhecimento transmitido em diversos locais – e, dentre eles, podemos encontrar a literatura infantil surda.

Além disso, podemos observar que através da arte da literatura o indivíduo surdo, que anteriormente necessitou aderir-se às características da cultura ouvinte, por meio do mecanismo de defesa Introjeção, pelo princípio de prazer-desprazer, após a leitura dos livros que possuem uma temática relacionada à vida dos mesmos, esse mecanismo de defesa que anteriormente era inconsciente, passa-se a tornar consciente. Fazendo, dessa forma, que os mesmos compreendam que ser surdo não é uma diferença, que possa causar alguma angústia que necessite modificar sua personalidade (introjeção).

Dessa maneira, desde cedo, teremos indivíduos surdos empoderados, mostrando

que, apesar das barreiras que ainda existem por ser surdo, é necessário que haja uma força para resistir sobre os padrões postos na sociedade.

Como foi mencionado anteriormente, existem diversos tipos literaturas infantis que irão contribuir para que haja a quebra desse mecanismo de defesa que permeia o deficiente auditivo ou o surdo. Em que, as histórias são voltadas para as crianças surdas, e como menciona Peter Hunt (2010), no livro *Crítica, teoria e literatura infantil*, a característica mais essencial da literatura infantil são os personagens principais, que em sua maioria, pertencem ao contexto do público que será determinado o livro ou a história – como irá ocorrer nas histórias voltadas para a temática infantil surda, no qual os protagonistas das obras serão personagens que não podem ouvir, e que existe uma prevalência da aceitação da cultura surda e o incentivo para a utilização da Língua de Sinais.

Podemos citar como exemplo, o livro *Tibi e Joca – Uma história de dois mundos*, da autora Cláudia Bisol. No romance se é abordado tanto as dificuldades enfrentadas pela família da criança surda, quanto pelas dificuldades que a criança passa ao perceber-se como diferente – no qual Tibi (personagem principal) era uma criança a qual ao nascer não foi detectada a surdez, mas que seus pais percebem que existe uma diferença em seu filho. Porém, no fim, Tibi adapta-se a essa forma de vida e aceita a sua nova cultura.

Encontramos, também, a personagem principal durante o percurso da história aprendendo a falar, juntamente com seus pais, a Língua de Sinais, mostrando que não é fácil compreender inicialmente, mas que aos poucos todos conseguem dominar essa nova língua. E, no final da história, mostra-se que ao se entender que os surdos e os ouvintes possuem culturas diferentes, haverá a felicidade, o amor e a aceitação dessas duas culturas distintas, mas que podem viver em harmonia.

Deve-se ser ressaltado que é comum os pais não percebam a deficiência logo após o nascimento, como ocorreu com Tibi, conforme valida Rosemary Shakespeare (1977, P.57): “Assim a época de reconhecimento de uma deficiência congênita depende da época prevista para cada fase crítica”. Ou seja, dependendo das situações que permeiam os pais, eles poderão identificar mais rápido ou não se seu filho(a) possui alguma diferença perante às crianças da mesma idade.

Além do mais, a psicóloga afirma que existem diversos processos de aceitação que os pais passam e que exige um certo tempo para que haja a aceitação do filho que possui alguma deficiência, como ocorre também com os pais de Tibi. Pois, como se é mostrado no livro, os pais discutem colocando a culpa um no outro por seu filho, Tibi, nascer surdo. Se é mostrado também que essa percepção da surdez do garoto só se surge após ele já possuir uma certa idade, pois ele não consegue escutar o que seus pais falam ou entender que há barulhos que o permeia.

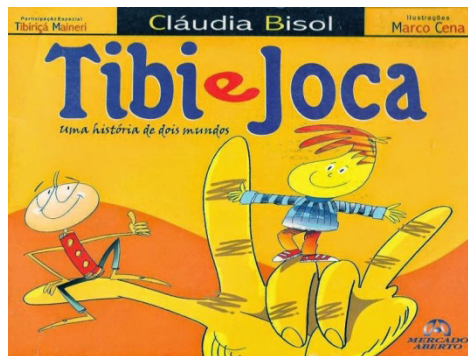


Figura 2: Capa do livro Tibi e Joca – uma história de dois mundos. Fonte: Tibi e Joca – Uma história de dois mundos.

Outro tipo de literatura que podemos encontrar, pertencente ao gênero textual conto, é o livro *A Rapunzel surda*, dos autores Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp – que trabalham com a discursão sobre os surdos e a educação dos mesmos. Carolina e Fabiano são surdos, logo possuem propriedade para redigir sobre a temática, já que presenciam constantemente a vivência de ser surdo.

No livro a temática é a mesma que a história real de *Rapunzel*, dos Irmãos Grimm, porém, a diferença existente é que se abordada a personagem principal com a surdez, mostrando que a mesma pode ser feliz ao lado do príncipe encantado, como no conto de fadas “Rapunzel”.



Figura 3: Páginas do livro A Rapunzel surda. Fonte: Livro A Rapunzel surda.

Além disso, podemos observar que adentra nesse conto de fadas a questão da identificação que é necessária aos indivíduos. Nessa obra ocorre com o público surdo. Pois, como foi mencionado anteriormente, na história real apenas crianças que são ouvintes se identificariam, já que as crianças surdas teriam dificuldades de conseguir se reconhecer ao ver os personagens se comunicando oralmente, ao invés da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Outro ponto importante que podemos observar nos livros citados acima é a abordagem da fala em LIBRAS e na sua forma escrita. Em que, apesar de possuírem formas da escrita no português, a escrita ocorre também em SignWriting (escrita na

perspectiva expressiva) em LIBRAS. E, além disso, podemos observar que apesar de haver a escrita própria para os surdos, há também uma preocupação dos autores em repassar a informação para as crianças que não possuem uma deficiência auditiva ou que são surdas. Isso será possível, pois, em *Tibi e Joca – Uma história de dois mundos* haverá diversas ilustrações e em *A Rapunzel surda* terá o texto traduzido para a língua portuguesa.

Assim, podemos observar que os livros mencionados possuem uma extrema importância para a criança que não pode ouvir. Pois, é por meio dessas literaturas que será modificado o pensamento desses indivíduos, fazendo com que o mecanismo de defesa do Ego, a Introjecção, que ocorre inconscientemente, passe a ser tratada pelo consciente, trazendo a formação da personalidade de acordo com sua cultura – que é a cultura surda.

Dessa maneira, será causado o empoderamento dos mesmos, fazendo, dessa forma, que haja a quebra da política ouvintista que permeia os indivíduos que não podem ouvir ou que não possuem uma audição completa.

Ademais, será causada a conscientização das crianças que podem ouvir de que quem é surdo é considerado um indivíduo normal e que os mesmos possuem tantas qualidades quanto quem é ouvinte. Assim, quem é ouvinte passará a desde cedo aprender que a diferença entre essas duas culturas é normal e que os sujeitos surdos devem ser tratados equiparadamente aos indivíduos que podem ouvir, sem nenhuma discriminação.

## 6 | RESULTADOS

O estudo realizado sobre a importância da literatura infantil em LIBRAS para a criança que é surda possuiu como resultados que esse tipo de literatura é essencial para esse público. Pois, a relação de identificação com o mundo e com o outro pelas crianças surdas está rodeado por uma política ouvintista que não possui uma acessibilidade e não dá possibilidades para quem não é considerado “normal” pela sociedade. Isto é, a identificação das mesmas só ocorre, em grande parte, através de pessoas que podem ouvir. Causando, dessa forma, a não aceitação da cultura surda por esses indivíduos, fazendo com que eles adiram atributos de quem é ouvinte – e possui sua cultura de quem pode ouvir, para a sua personalidade. Como por exemplo: tornar-se um indivíduo oralizado, porém deixando de lado a LIBRAS. E, é através da literatura infantil na Língua Brasileira de Sinais que poderá transformar esse mecanismo de defesa de um nível mental inconsciente para o consciente, podendo então trabalhar o mesmo.

Além disso, foi observado, também, que é necessária a divulgação dessas literaturas, pois as mesmas não possuem um grande reconhecimento pela sociedade. Uma vez que, a política ouvintista predomina e a mesma faz com que a cultura surda

não seja valorizada pela sociedade, logo, esse tipo de literatura não necessita ser publicada e nem divulgada.

Entretanto, como foi observado anteriormente, esse tipo de literatura é rica em cultura surda e possuem uma temática voltada para a aceitação dessa, para quem é surdo e até mesmo para quem não pertence à essa cultura. Fazendo assim, que haja um respeito entre essas duas culturas.

## 7 | CONCLUSÃO

Com essa pesquisa bibliográfica, analisou-se que as crianças surdas ao formar sua personalidade com o princípio de prazer-desprazer - por conta da política ouvintista que permeia contra a cultura surda, faz com que os mesmos queiram aderir à sua personalidade as características boas, como no caso, é a de possuir características de pessoas que podem ouvir, para, assim, adequar-se aos padrões postos pela sociedade. É deixada de lado, então, a cultura surda.

Dessa forma, foi observado que o mecanismo de defesa Introjeção é comum entre os surdos. Pode-se notar que a Introjeção pode se tornar consciente no momento em que esses indivíduos possuem o contato com essa literatura, pois, como foi demonstrado no romance e no conto de fadas, podemos encontrar personagens principais que são surdos, causando o reconhecimento das crianças para com sua cultura. Chegando à conclusão de que é necessária uma divulgação maior dessas obras, que possui muita cultura dentro das mesmas, para que haja a compreensão do sujeito surdo sobre sua cultura e que eles pertencem a um grupo que os aceitam, e que são tão normais quanto às pessoas que podem ouvir.

Para que haja uma compra maior dos livros e uma divulgação que chegasse na população, é necessário que escolas utilizem esses livros infantis sobre a surdez como paradidáticos, no ensino fundamental I, como forma de conscientização tanto para quem não pode ouvir quanto para quem pode ouvir.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Nada na Língua é por acaso. **Presença pedagógica**. Minas Gerais: v. 12, n 17, set/out. 2006.

BISOL, Cláudia. **Tibi e Joca**: Uma história de dois mundos. São Paulo: Editora Mercado Aberto, 2001

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GAZZANIGA, Michael S.; HEATHERTON, Todd F. **Ciência psicológica**: Mente, cérebro e comportamento. Tradução por Maria Adriana V. Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2005.

LAGACHE, Daniel. **A Psicanálise**. Tradução por Nelson Leon. São Paulo: Difusão europeia do livro,

1956.

PLATÃO. **A república**. Tradução por Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. Mecanismos de defesa do Ego. **Psicologia.PT: O Portal dos psicólogos**. Minas Gerais: v. 7, n. 1, p. 1-5, 2010.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodernir; ROSA, Fabiano. **A Rapunzel surda**. Rio Grande do Sul: Editora ULBRA, 2005.

SHAKESPEARE, Rosemary. **Psicologia do deficiente**. Tradução por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1977.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-097-1

